

JESUS E CAIM
EM SARAMAGO

BLIMUNDA

RETRATOS

LANZAR

ROTE

PORTUGAL EM SADE/SADE EM PORTUGAL

OMUNDO É...

3

Editorial
**20 anos do nosso
prémio Nobel**

5

Leituras
Sara Figueiredo Costa

13

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

19

Retratos
Sara Figueiredo Costa

31

Foi há 25 anos
Pilar del Río

45

A Casa da Andréa
Andréa Zamorano

52

O Mundo é...
Andreia Brites

67

And The winner Is...
Andreia Brites

69

Espelho Meu
Andreia Brites

74

Saramaguiana
Jesus e Caim
no trabalho de
Saramago
Miriam Ringel

93

Agenda

97

Epígrafe

Em

2018 cumprem-se duas décadas desde que José Saramago recebeu, em Estocolmo, o Prémio Nobel de Literatura. Até hoje, foi a única vez que a literatura em língua portuguesa alcançou o mais importante galardão das letras. No seu discurso de receção do prémio, na Academia Sueca, o escritor disse: "(...) quero também agradecer aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de agora: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar." Portanto, o aniversário dos 20 anos da atribuição do Nobel a José Saramago é o momento oportuno para celebrar não só a sua obra mas uma língua falada por centenas de milhões de pessoas em todo o mundo.

20 anos do nosso prémio Nobel

Durante todo o ano, em vários países, a Fundação José Saramago (FJS) estará envolvida em homenagens ao autor de *Ensaio sobre a Cegueira*. Além de atividades em Lisboa e Lanzarote, as duas casas do escritor, nos próximos meses o seu nome será festejado em Frankfurt e Guadalajara,

as duas principais feiras do livro do mundo. Antes disso, em São Paulo, no mês de março, uma exposição sobre a criação literária e o pensamento de José Saramago, cuja curadoria está nas mãos de Marcello Dantas, inaugura as celebrações. Uns meses depois, no segundo semestre do ano, pesquisadores de várias nacionalidades têm encontro marcado na Universidade de Coimbra, num congresso internacional organizado pelo professor Carlos Reis. As editoras de José Saramago, em português e em outros idiomas, também preparam novidades para assinalar a efeméride.

Em 2008, quando se assinalava uma década do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago, o escritor concedeu uma entrevista em que dizia: «Todos nos sentimos mais altos, mais fortes, mais formosos até. Só havia uma coisa a fazer: era viver e fazer viver o mais intensamente possível as consequências do prémio». Passada mais uma década da entrega do galardão, infelizmente agora sem o premiado, seguiremos vivendo as consequências daquele dia em que, nas palavras de José Saramago, todos crescemos três centímetros.

Blimunda 68
janeiro 2017
DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
Rita Pais
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa – Portugal
blimunda@josesaramago.org
www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS



Onde estamos
Where to find us
Rua dos Bacalhoeiros,
Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway
Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735,
746, 759, 774, 781,
782, 783, 794

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18h 10 am to 6 pm

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

Carlos Heitor Cony, 1926-2018 ***Da Salvação da Pátria***

O jornalista e escritor brasileiro Carlos Heitor Cony morreu no passado dia 5, aos 91 anos. Autor de dezenas de livros, a sua presença nos jornais como cronista marcou várias gerações de leitores que lhe reconheceram a agudeza e a frontalidade, para além do estilo.

A *Folha de São Paulo* publica uma extensa nota biográfica dedicada ao autor de *A Verdade de Cada Dia* e nos arquivos da internet podem encontrar-se vários textos de Heitor Cony. Entre eles, a crónica «Da salvação da pátria», que o autor assinou depois do golpe militar de 1964 e que lhe rendeu ameaças várias, a si e à sua família. Anos mais tarde, Carlos Heitor Cony trabalhou para uma editora associada ao regime, o que lhe valeu duras críticas de muitos contemporâneos, mas a força de «Da salvação da pátria» manteve-se firme ao longo de todo este tempo.



A vida, a liberdade e a morte

Regressar a Alejandra Pizarnik

Quarenta e cinco anos depois da morte da escritora argentina Alejandra Pizarnik (1936–1972), a sua obra volta a ser reeditada, permitindo às novas gerações o contacto com uma autora essencial das letras latino-americanas, como conta Verónica Abdala no jornal *Clarín*. «La gran poeta Olga Orozco, su amiga y madrina literaria – quien la acercó al surrealismo y su apuesta de vivir poéticamente – encaró tras la muerte de Pizarnik una ardua tarea de rescate: un trabajo minucioso, de meses, que permitió salvar del olvido y organizar cada manuscrito existente. Tras pasar por las manos de Julio Cortázar –que había conocido en París a Alejandra, donde ésta se instaló entre 1960 y 1964 – y de la última mujer del escritor, Aurora Bernárdez, los originales fueron depositados en la Universidad de Princeton, Estados Unidos, sin que probablemente nadie pudiera anticipar que durante años seguiría apareciendo material inédito, que iría agigantando el mito de Pizarnik como autora, y más allá de su veta trágica. Ella fue mucho más que una “poeta maldita”, advierten quienes la leyeron más allá del morbo que despertó su suicidio.»

Poesia, prosa, correspondência e diários regressam às livrarias, juntando às edições feitas logo após a morte da autora algum material inédito, entretanto agregado ao seu espólio: «La serie revela, en toda su dimensión, una obra insoslayable, al margen de los imperativos de la novedad editorial, y que “ofrece una ordenación cronológica de un material que en su momento fue recogido en volumen, tanto en Argentina como en España; rescata textos de crítica literaria de la autora, publicados originalmente en revistas literarias de difícil consulta y da a leer este conjunto como un todo”, según define Ana Nuño en el prólogo del volumen de *Prosa*. Son textos que confirman una concepción de la escritura “como ceremonial, donde se exaltan la vida, la libertad la muerte, la infancia y sus espejismos, los espejos y el doble amenazador y sobre todo, los poderes del lenguaje”, como el gran motor del impulso creador de Pizarnik, una enamorada de las palabras, como la definió otro poeta intenso, Antonio Requeni.»



Nicanor Parra

Poesia e anti-poesia

A editora Lumen, de Barcelona, publicou recentemente um volume dedicado à obra de Nicanor Parra, com seleção e edição de Matías Rivas. No *El Cultural*, Túa Blesa escreve sobre esse livro, percorrendo a obra do escritor chileno e os seus contributos para os abalos poéticos que marcaram o século XX. «Los poemas de Parra son de una tonalidad muy diversa; no falta en esta escritura un ingrediente poco común en la poesía como es el humor, a propósito de lo cual él mismo ha escrito que con sus antipoemas “Todos deben reír a carcajadas”; su mirada al mundo es irónica y presenta personajes con sus esbozos biográficos, unos textos que recuerdan a las fábulas moralizantes en verso de otro tiempo, si bien ahora sirven a un espíritu crítico. Ese mismo espíritu aparece en algunos poemas y la voz toma partido muy decididamente. Así, “Ata de independencia” es el documento de su apostasía de la Iglesia católica, tema este, el de la religión, que reaparece en otros textos —llegará a escribir “no creo ni en la Vía Láctea”— y que dará lugar a Sermones y prédicas del Cristo de Elqui (1977) — que tendría continuación dos años después en Nuevos sermones y prédicas del Cristo de Elqui—, donde Jesucristo, ahora reencarnado en un Cristo de hoy, es presentado como un célebre personaje al que se le cede la palabra. Y la toma para repetir su mensaje tan olvidado por tantos en el mundo atual: “nacé apara ayudar a mis semejantes / en especial a las almas en pena / sin distinción de clases sociales”, un nuevo Cristo que, ante las tropelías permitidas por Dios, “más de una vez estuve a punto / de rebelarme contra el Creador”, dar consejos de todo tipo, como cuando aconseja a los maridos seguir cursos para saber “qué diferencia hay entre vulva y

vagina". El Cristo de Elqui, con su lenguaje burlón zahiere a los sacerdotes o denuncia que "en Chile no se respetan los derechos humanos" y que "el gallinero está a cargo del zorro".

Y qué razón tenía, recuérdese que en 1973 el general Pinochet dio un golpe de estado que duraría hasta 1990, tiempo en que Parra no renunció a su posición izquierdista y en el que hubo de ver cómo se censuraban algunas de sus obras, un izquierdismo que no le impedirá incluir entre lo que no convence en absoluto "la dictadura del proletariado", manteniendo siempre un pensamiento libre.»





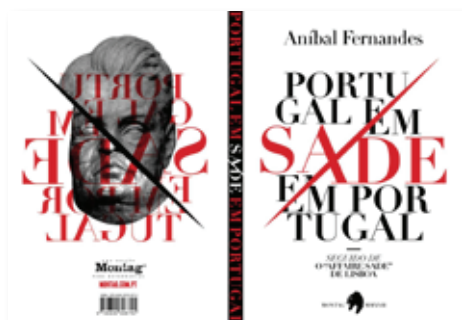
Contracultura dos anos 70 e 80 **Banda desenhada no Reina Sofía**

O Museu Reina Sofía anunciou recentemente a criação de uma coleção dedicada à banda desenhada e aos fanzines, enriquecendo o seu fundo bibliográfico com um tema que só em anos recentes começou a encontrar espaço nas instituições estabelecidas do mundo das artes e da literatura: «La colección de comic y fanzines de la Biblioteca surge a partir de la necesidad de investigar, analizar y documentar materiales relacionados con diversos aspectos de la contracultura española de los años setenta y ochenta. Estos fondos se empiezan a recopilar con motivo de la inauguración de las nuevas salas de la colección permanente, Colección 3 (1962-1982) ya que -salvo la colección de *La Codorniz*, de una época muy anterior y adquirida en 2010- el Centro de Documentación no contaba prácticamente con publicaciones originales de este tipo.» O catálogo desta nova coleção pode ser consultado on-line.



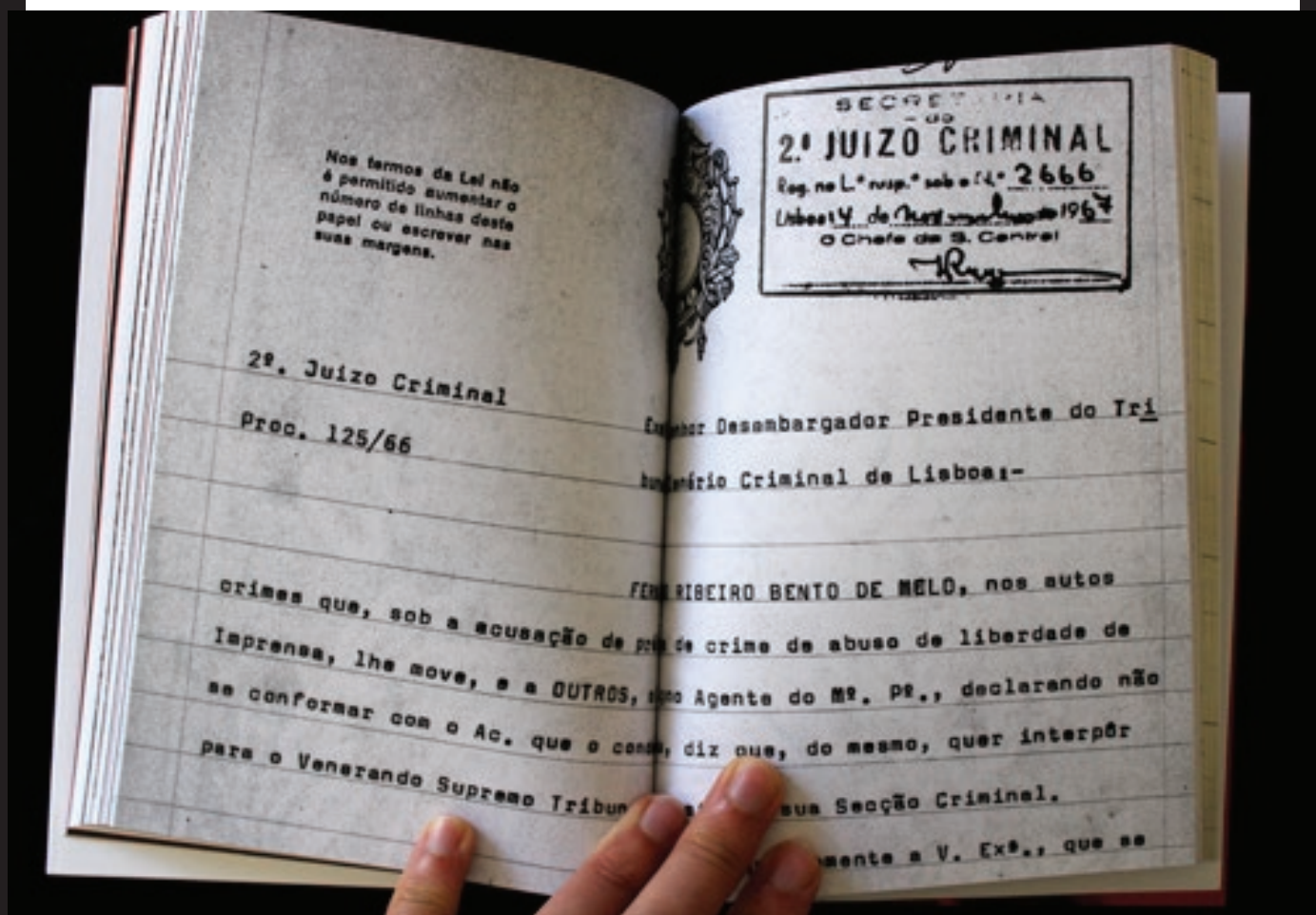
Portugal em Sade/ Sade em Portugal

**Aníbal Fernandes e Pedro Piedade Marques
Montag**



Em 2015, Pedro Piedade Marques publicou *Editor Contra*, livro sobre Fernando Ribeiro de Mello e a editora Afrodite. Por entre os muitos momentos protagonizados por Ribeiro de Mello, da apresentação de livros à imprensa a partir da banheira de água e espuma onde o editor se instalou – sem roupa, como é suposto estar-se numa banheira – aos volumes que se tornaram marcos fundamentais na edição portuguesa do século XX, um episódio merece agora atenção detalhada num novo livro. *Portugal em Sade/ Sade em Portugal* ocupa-se da edição que Ribeiro de Mello preparou e colocou na rua, com a sua chancela Afrodite, de *A Filosofia na Alcofa*, o livro do Marquês de Sade que vinha provocando abalos pudicos e políticos onde quer que fosse dado à estampa e que ecoou, na Lisboa salazarista de 1966, como um verdadeiro sismo. O editor foi constituído arguido num processo que mostrou que a censura não iria, desta vez, ficar-se pela apreensão dos





livros, arriscando mostrar as garras em público: «(...) os governos de Salazar e Caetano e os seus braços policial e judicial sempre tinham preferido a intimidação pela ameaça de um processo à sua instauração de facto, procurando não atrair atenções para o que não passava de julgamentos por opinião, logo políticos ou facilmente “politizáveis” pelas oposições» (pg. 66). O risco não foi tão grande como as cautelas fascistas poderiam supor, já que os mecanismos censórios não sofreram qualquer abalo com o caso, que se julgou no Tribunal da Boa Hora, mesmo depois de ser conhecida a sentença e de Ribeiro de Mello se ter transformado no «primeiro editor a ser condenado por crime de “abuso de liberdade de imprensa” no seguimento da publicação de um livro.»

(pg. 65) Para além de Ribeiro de Mello, o editor, foram igualmente acusados David Mourão Ferreira e Luiz Pacheco, prefaciadores da obra, Herberto Helder, que aceitou traduzir o texto, mas acabou por passar a tarefa a Calado Trindade, e João Rodrigues, ilustrador.

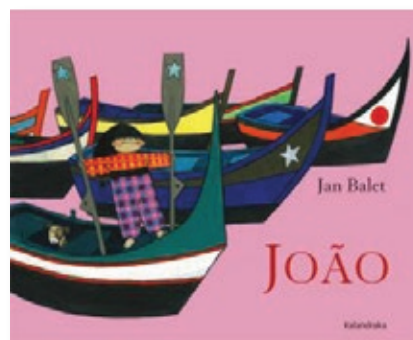
Antes do texto de Pedro Piedade Marques, e da reprodução da documentação relacionada com o processo, este volume volta a publicar um texto que Aníbal Fernandes havia escrito para um livro editado com a chancela da Hiena, em 1992, *O Marquês de Sade e a sua cúmplice* seguido de *Portugal em Sade, Sade em Portugal*, de Jean Paulhan. Esse texto, em boa hora recuperado, é o resultado de uma conversa que Aníbal Fernandes teve com Fernando Ribeiro de Mello em 1990, à mesa da Brasileira, no Chiado, procurando ouvir o editor sobre o processo que abalou a Lisboa literata do tempo de Salazar, parecendo ter desaparecido da memória coletiva sem deixar rasto. Aí podemos «ouvir» Ribeiro de Mello sobre a vontade de abalar o regime, o modo como decorreu o processo judicial, os apoios que teve e não teve perante a reação do Estado Novo à sua afronta editorial, a génese de uma edição que queria muito mais do que colocar Sade à disposição dos leitores: «Se havia Angola, Moçambique e a Guiné a troar ao longe, outros incómodos mais discretos mas que molestassem perto talvez contribuíssem para abalar o sonambulismo nacional, fanático e solitário, e para nos fazer entrar dentro do Mundo» (pg. 35). E ouvimos igualmente a amargura de um editor que não voltou a encontrar o seu espaço para ser, natural e instintivamente, contra o sistema quando o sistema passara a ser democrático, algo que já se constataria em *Editor Contra* e que ganha, no contexto de um olhar tão detalhado sobre o «affaire Sade», uma patine de melancolia e de certo desapontamento: afinal, o homem que arriscou a cabeça no cepo para colocar em letra de forma uma obra que, obviamente, ia fazer ranger os dentes da censura, foi o mesmo que editou *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, depois do 25 de abril, querendo afrontar o novo poder como se este fosse apenas o reverso literal e simétrico do anterior.



50 POEMAS DE REVOLTA

VVAA
Companhia das Letras

Antologia que reúne poemas de trinta e quatro poetas brasileiros do século XX onde os temas do racismo, da desigualdade social e da discriminação por motivos vários estão no centro dos versos. Entre os autores, encontram-se Hilda Hist, Paulo Leminski, Oswald de Andrade, Ana Cristina César, Torquato Neto e Wally Salomão. SFC



JOÃO

Jan Balet
Kalandraka

Originalmente editada na Alemanha em 1965, esta é uma narrativa apologética da identidade dos pescadores da Nazaré. João é a criança protagonista que questiona a inevitabilidade de se dedicar à pesca, como toda a família. À moral do texto juntam-se os pormenores do vestuário, dos barcos, das juntas de bois, do artesanato que o autor registou nas coloridas ilustrações. Esta é a visão do outro sobre uma realidade local e, apesar de ter mais de meio século, reitera a natural curiosidade que a literatura e a arte podem continuamente procurar. AB



E A MINHA FESTA DE HOMENAGEM? ENSAIOS PARA ALEXANDRE O'NEILL

VVAA

Tinta da China

Respondendo à ironia com que Alexandre O'Neill, pouco dado a homenagens e ainda menos ao reconhecimento da crítica literária, intitulou uma crónica publicada em 1973 n'*A Capital*, vários autores assinam ensaios sobre a obra de um dos grandes das letras portuguesas do século XX. Entre eles, Clara Rocha, Fernando Cabral Martins, Miguel Tamen e Fernando J. B. Martinho. SFC



O ÓDIO QUE SEMEIAS

**Angie Thomas
Presença**

Desde as primeiras páginas que o leitor identifica as marcas discursivas e contextuais que se reconhecem em muitos filmes e séries realizadas nos EUA: a descrição da festa, a troca de comentários sobre duas comunidades que não se cruzam, ou pouco. Embora o tema do racismo seja universal, a narrativa inspira-se na violência policial de que são frequentemente alvo elementos da comunidade afro americana através da voz de uma adolescente negra, Starr, que frequenta a comunidade branca e vai ser obrigada a questionar as suas posições. AB



EL MURO DE MANDELSHTAM

Igor Barreto
Bartleby Editores

O mais recente livro do poeta Venezuelano Igor Barreto coloca-o entre as vozes contemporâneas que há que conhecer no que à poesia em língua espanhola diz respeito. Com marcas de dramaturgia, narrativa e humor, a poesia de Barreto tem imagens tão poderosas como a do homem devorado por um caimão que chora a morte do crocodilo: “tanto la víctima / como el reptil / fueron ‘uno’ / todo este tiempo” SFC



HISTÓRIAS DE ADORMECER PARA RAPARIGAS REBELDES

Elena Favilli
e Francesca Cavallo
Nuvem de Tinta

Pequenas biografias de cem mulheres são apresentadas neste volume com uma intenção precisa das autoras: que as jovens leitoras cresçam com exemplos de mulheres que não dependem nem acompanham heróis masculinos. Entre elas contam-se artistas, cientistas, desportistas, ativistas, políticas ou estudantes, entre tantas outras. Muitas começam por “Era uma vez” recusando assim a figura da princesa passiva e vitimizada, e ao invés, oferecendo histórias fantásticas que poderiam ser inventadas, mas não são. AB



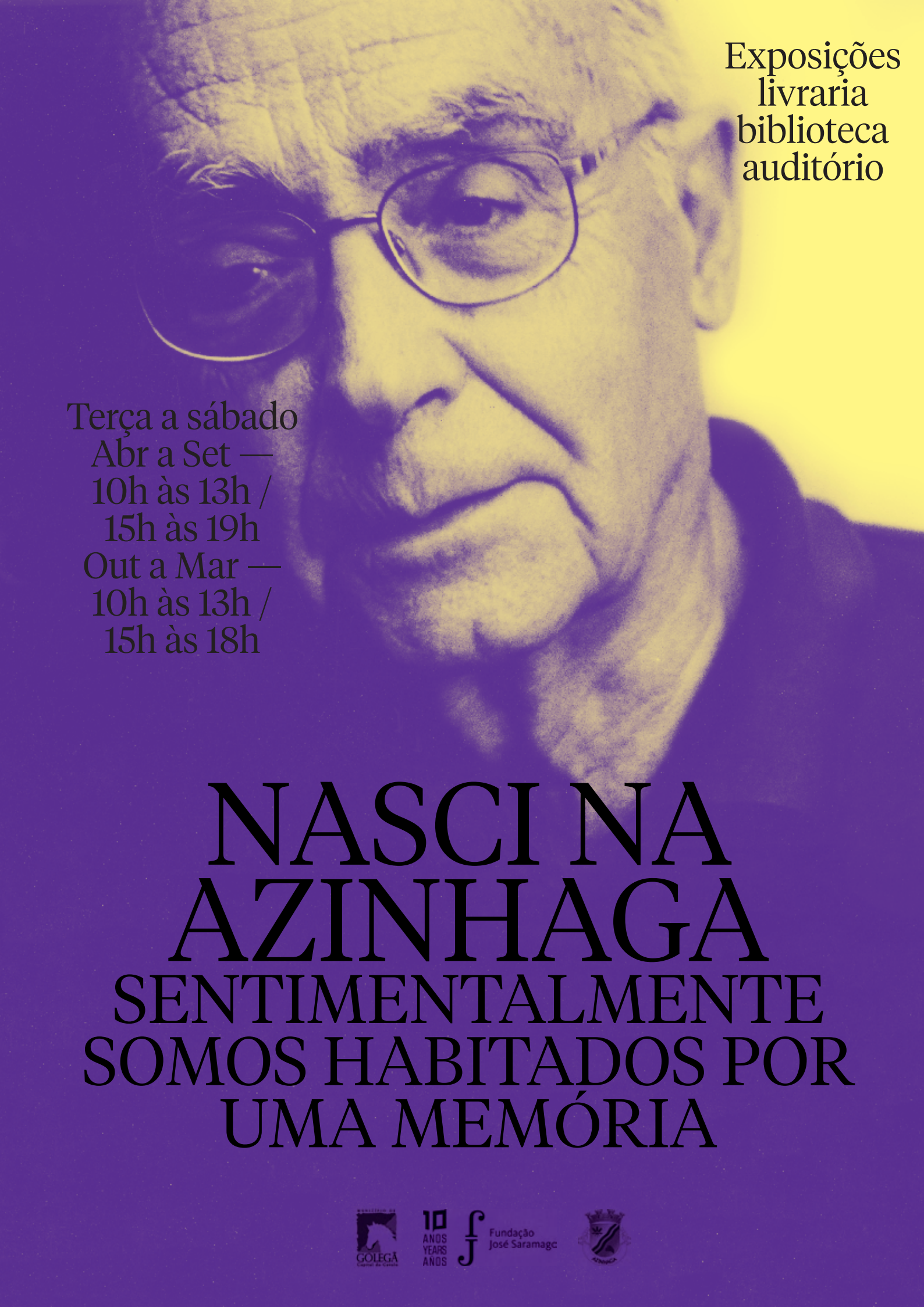
MAC E O SEU CONTRATEMPO **Enrique Vila-Matas** **Teodolito**

O mais recente romance do autor catalão volta à temática da literatura e aos equilíbrios instáveis entre aquilo a que chamamos realidade e a sua suposta antítese, a ficção, colocando em cena um escritor de ocasião que, decidido a humilhar um vizinho escritor que o ignora, avança para a reescrita de um seu romance de juventude, pouco conseguido e arredado da obra oficial. SFC



WE CHEFS – BEYOND COOKING **João Wengorovius** **Documenta**

Quatro anos a conversar com chefs de cozinha de muitas geografias resultaram neste livro, que reúne entrevistas onde ficamos a conhecer as histórias, memórias e outras narrativas, nem sempre focadas na bancada da cozinha, mas que ajudam a perceber o modo como cada um destes profissionais se construiu enquanto autor. SFC

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses and a mustache, looking slightly to the left. The background is a solid dark color.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



**Sara
Figueiredo
Costa**

Uma janela também é um espelho

O mais recente livro de André Ruivo, uma edição da Mmmnnnrrrg com a colaboração da The Inspector Cheese Adventures, é uma publicação A3, sem informação na capa quanto ao título ou ao autor, que promete criar incómodo entre os livreiros menos dados a formatos não normalizados. Sem ironia, o formato cumpre aquele que parece ser o desígnio principal deste livro, o de colocar o leitor frente a frente com uma galeria de personagens que perscrutam e se deixam perscrutar, uma espécie de janela para os rostos de outros que acaba por transformar-se em espelho da nossa vontade de conhecer quem nos vê e, nesse gesto, de nos conhecermos um pouco a nós. Se todos somos muitos e diferentes eus ao longo da vida (ao longo de um dia?), estes *Retratos* são um desfile de rostos que tanto podem ser galeria como reflexos múltiplos de uma só identidade. A *Blimunda* conversou com o autor, usando a internet como meio, e entre a ideia de espelho e a vontade de encontrar os outros através das imagens, descobriu um livro pelas palavras de quem o fez.

retratos



FOTOGRAFIA DE JORGE COLOMBO

retratos

O retrato costuma ser uma representação, mais ou menos fiel, de acordo com os gestos e intenções de quem o cria, de uma pessoa que existe ou existiu. Seguiu esse critério ou estes retratos não correspondem a pessoas concretas?

Estes são retratos de pessoas que não existem. Tentei ser muito realista, mas são personagens que inventei. Embora na altura em que os fiz frequentasse com regularidade uma cantina da função pública, e as pessoas que iam lá influenciaram-me bastante.

E não há aí contradição, entre ser muito realista e inventar pessoas que não existem?

É ser fiel à minha criação, tentar criar uma imagem o mais fiel possível nos detalhes. Costumo ser mais sintético nos meus desenhos, mas desta vez quis fazer o contrário, como se eu os conhecesse.

Que técnica utilizaste para este trabalho e de que modo isso contribuiu para a força que estas imagens tem.

São pastéis de óleo sobre folhas de papel A2, que depois digitalizámos e reduzimos para A3. Ainda assim, quisemos fazer um livro grande para não perder a ideia de espelho, como se nós, leitores, nos víssemos ao espelho, olhássemos nos olhos daqueles personagens. E eles a olharem para nós também.

la perguntar-te precisamente se a ideia de espelho estava presente...

Sim, porque a dimensão e a força da impressão criam esse efeito. Ficou muito bem impresso, foi um longo processo até encontrarmos a gráfica que digitalizou e imprimiu.

Muitos leitores não têm ideia da importância da produção do livro no resultado final do processo, quando pensamos em livros com imagens. Podemos dizer que, neste caso, isso foi mesmo essencial, quase como uma parte do teu trabalho de criação?

retratos

Sem dúvida, e por isso é que eu chamei o Jorge Silva. Pensámos fotografar os desenhos, mas depois optámos por digitalizar. A fotografia não captou todos os detalhes, cores e nitidez. Os livros que faço são feitos em parceria com o editor e com o designer.

Voltemos à ideia do espelho. O que procuramos, ou o que vemos, quando olhamos os outros assim? O que procuramos e vemos deles e, sobretudo, o que procuramos e vemos de nós mesmos, visto que o espelho nos devolve a nós próprios?

O olhar foi muito importante, o olhar deles, personagens. Durante algum tempo chamei-lhes auto retratos, mas depois achei que não seria tão justo quanto retratos apenas. Eu faço desenhos a partir da imaginação, muito raramente desenho de observação, do real, sou péssimo, e não consigo captar o essencial, o carácter da pessoa, por exemplo.

Então, de certa forma, inspiraste-te em pessoas que ias vendo como um modo de te refletires a ti, ou ao que procuras de ti?

Sim. Mas há quem diga que conhece muitas destas personagens, alguns até da minha família, pai, irmã...mas não foi essa a minha intenção.

Há uma identificação com aquilo que conhecemos e procuramos e de repente parece estar ali, criado por outra pessoa. Isso agrada-te ou incomoda-te?

O livro é uma obra aberta. Assim que eu acabo esta série de desenhos, eles são para ir para as outras pessoas

Já não é só teu, é isso?

Exatamente. Aliás, eu distancio-me muito do trabalho que fiz depois de o terminar. É intenso o processo de criação, mas logo a seguir é uma libertação total.

O livro tem uma particularidade curiosa, que é a de não ter qualquer outra informação para além dos retratos, a não ser quando chegamos à contracapa, e aí temos apenas a informação que corresponde à ficha técnica. Isso foi tudo planeado, imagino...













retratos

Tudo. Eram 11 desenhos para fazer um livro de 12 páginas. Optámos por não colocar informação nenhuma na capa para não haver uma capa, para que todos os retratos valessem o mesmo. De qualquer forma, escolhi este desenho para a capa por ter sido o primeiro desta série, foi o primeiro que fiz.

E não te sentiste tentado a acrescentar algum texto que falasse sobre estes retratos?

Não, eu não sou muito de escrever. Gosto de livros de imagens, não é preciso explicar.

Este livro já está cá fora, imagino que possas estar dedicado a outros trabalhos. Queres falar do que andas a fazer? Algum livro?

Sim, um ebook com a Dois Dias e um pequeno fanzine com a STET.

O ebook são desenhos inicialmente pensados como cenários de um filme, mas que ganharam autonomia, são arquiteturas, cidades sem habitantes. Chama-se *O Semáforo Amarelo*. Com a STET, foi ideia da Filipa Valladares reunir uma série de desenhos que chamámos de *Abraços*, são casais a abraçarem-se que tenho vindo a publicar no Facebook.

E aí também segues a regra de criar as personagens que se abraçam, mesmo que possas inspirar-te em algumas pessoas?

Sempre da imaginação, embora tenha que ver com o facto de me apetecer dar abraços a pessoas. Às vezes elas estão longe...

foliada 25 años

**Pilar
Del
Río**

foi há 25 anos

Faz 25 anos, em janeiro de 1993, José Saramago chegou à sua casa de Lanzarote. Ainda havia trabalho a fazer, de maneira que era preciso acordar cedo para não atrapalhar pedreiros ou pintores e, sobretudo, para evitar o triste espetáculo de juntar roupão e pijama ao caos do final das obras.

Com a impaciência de um proprietário de primeira viagem contava, várias vezes ao dia, as horas e as tarefas pendentes até que nos últimos dias de janeiro a casa foi oficialmente entregue. Em fevereiro, nas festas de San Blas, fez-se o primeiro grande jantar: amigos, família e os trabalhadores que tinham levantado as paredes e colocado o piso celebraram, numa gloriosa confusão, a façanha de terminar em seis meses uma casa que havia sido pensada como lugar de retiro e trabalho e que acabou por ser, sabemos agora, um centro emissor de ideias e um refúgio de pessoas do mundo todo. O projeto Lanzarote era já, em janeiro de 1993, uma realidade inquestionável, o lugar que José Saramago escolheu para voltar a nascer, a sua casa.

O começo da história

No dia 24 de abril de 1992 o jornalista Torcato Sepúlveda telefonou para José Saramago para lhe pedir um comentário sobre a pressão que o governo português vinha exercendo em três instituições culturais que deveriam propor vários títulos para representar a cultura do país num prémio europeu. José Saramago desconhecia o facto, nunca tinha ouvido falar do prémio e atribuiu a suposta pressão a algum mal-entendido próprio da falta de informação, por isso decidiu não opinar. Teve que fazê-lo mais tarde, quando o mesmo jornalista conseguiu reconstruir a história que acabou por ser um escândalo na Europa. O governo de Portugal, em bloco, já que coletivamente apoiara a decisão do Ministério da Cultura, eliminou da lista de livros apresentados pelas instituições culturais uma obra de José Saramago porque, alegavam, ofendia os portugueses e, além do mais, o seu autor era comunista. Também, e num gesto desesperado para se distanciarem do papel de inquisidores políticos e de costumes, tentaram justificar o ato de censura argumentando que o livro estava mal escrito. O livro em questão era *O Evangelho Segundo Jesus Cristo...*

Nessa situação, a José Saramago não lhe restava outro remédio senão afastar-se da imagem que o governo projetava. O lugar não poderia ser outro que uma ilha do Sul, jangada de pedra aonde chegavam as vozes das pessoas mas não o barulho cheio de interesse que o poder provoca para aumentar a sua impunidade. Afastou-se do tumulto governamental sem pressentir o impacto daquela decisão.

Da estátua à pedra

Viver em Lanzarote, numa casa feita de livros – segundo a sua definição -, teve importância na vida privada de José Saramago e foi decisivo para o seu trabalho, como refletiria mais tarde numa conferência que pronunciou em Turim e que posteriormente seria publicada em português e espanhol no volume *Da Estátua à Pedra*. A paisagem vulcânica de Lanzarote não poderia passar despercebida a um ser humano a quem nada era alheio. Pelo contrário, introduziu-se na sua sensibilidade e forma de escrever provocando uma maturidade diferente daquela que, talvez, os observadores mais sagazes tenham intuído:

Com este livro terminou a estátua. A partir de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, e isto sei-o agora que o tempo passou, começou outro período da minha vida de escritor, no qual desenvolvi novos trabalhos com novos horizontes literários, dispondo portanto de elementos de juízo suficientes para afirmar com plena convicção que houve uma mudança importante no meu ofício de escrever. Não falo de qualidade, falo de perspetiva. É como se desde o *Manual de Pintura e Caligrafia* até a *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, durante catorze anos, me tivesse dedicado a descrever uma estátua. O que é a estátua? A estátua é a superfície da pedra, o resultado de retirar pedra da pedra. Descrever a estátua, o rosto, o gesto, as roupagens, a figura, é descrever o exterior da pedra, e essa descrição, metaforicamente, é o que encontramos nos romances a que me referi até agora.

Quando terminei *O Evangelho* ainda não sabia que até então tinha andado a descrever estátuas. Tive de entender o novo mundo que se me apresentava ao abandonar a superfície da pedra e passar para o seu interior, e isso aconteceu com *Ensaio sobre a Cegueira*. Percebi, então, que alguma coisa tinha terminado na minha vida de escritor e que algo diferente estava a começar.

Em outras ocasiões faria referência à austeridade da paisagem de Lanzarote, essa beleza que o desafiava como se a terra estivesse no seu primeiro dia de vida e fosse preciso dar-lhe sentido, nomeando-a. José Saramago aproximava-se das crateras de Lanzarote buscando ver o interior da pedra. No silêncio desses espaços ásperos encontrava a palavra precisa que não necessita de imagens para ser, e ser rotundamente. A aridez de Lanzarote modelou José Saramago de tal forma que pôde formular todas as perguntas e escrever livros universais num espaço que cabe em todos os imaginários. O destino, que acabou por ser Lanzarote, estava-lhe reservado para o momento em que, depois de refletir sobre as origens fundamentais da civilização ocidental n' *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, entendeu que era preciso começar novamente. A ilha que não intuiu, nem sequer quando conduziu a Península Ibérica por mares do Sul n' *A Jangada de Pedra*, ofereceu a José Saramago o marco adequado para o seu crescimento. *Ensaio sobre a Cegueira* foi a primeira estação de um percurso com 21 títulos, até *Caim* — ou até à meditação interrompida sobre a ética da responsabilidade que é *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*.

A Casa contada

Em Lanzarote, José Saramago pôde «contar os dias com os dedos e encontrar a mão cheia», como escreveu para os seus diários, os *Cadernos de Lanzorte*. A casa não era a residência na terra de Pablo Neruda, era a terra mesma, na qual plantou árvores (é bem verdade que inadequadas ao clima) e saltou, no dia 24 de Junho, as fogueiras de São João onde ardiam velhas ideias misturadas com projetos futuros, como manda a tradição por uma







29















foi há 25 anos

vez cumprida. Nessa casa, onde sempre havia música, onde, pela manhã, cheirava a torradas e a café, que vinha de Portugal, a qualquer hora do dia, José Saramago trabalhava, dedicava as manhãs à leitura, à correspondência, escrevia prólogos para amigos e artigos para jornais (responsabilidade que se impunha), e de tarde colocava empenho nos seus livros, de maneira metódica e sem romantismo, com a consciência de estar fazendo um trabalho cuja responsabilidade era apenas sua e que, no entanto, lhe exigia não rebaixar um idioma (ou) e uma cultura. Escrevia até que a noite chegasse, então a casa deixava de ser lugar de trabalho e passava a ser de encontro e comunicação, conversas na cozinha, amigos e vozes que nunca foram moderadas porque naquela casa a moderação havia sido desterrada. Tampouco se fechavam as portas, que eram barreiras contra o vento, não obstáculos para impedir a passagem de pessoas, tantas e de tantos lugares, que lá deixaram conversas, olhares, respeito, carinho, inteligência e sensibilidade: as que agora sentem os que viajam a Lanzarote para visitar a casa e reconhecer assim o autor que já conhecem pela obra.

Todos os livros

Faz 25 anos que José Saramago se mudou para Lanzarote, onde plantou a sua biblioteca e a sua forma de olhar o mundo. E dia a dia, a partir da honestidade literária e humana, que era o seu norte, colheu os frutos. Deixou um património moral distribuído pelos cinco continentes e uma infinidade de cúmplices, os leitores, que partilham a sua forma compassiva de olhar o mundo, herdeiros dos melhores sonhos e seus continuadores. Em Lanzarote José Saramago escreveu *O conto da ilha desconhecida*, a viagem pessoal do ser humano que não se rende. A paisagem árida e o mar, a casa de paredes brancas e madeira verde, o tapete de pedras, a sua mesa de pinho rústico que às vezes por ele era encerada, os cães rafeiros de improváveis nomes, tudo isso fez de José Saramago um homem feliz.

A CASA DA ANDRÉA

NOVA IORQUE
E LISBOA,
SHITHOLES?

ANDRÉA ZAMORANO

Por

mais que se olhasse para o lado, que se abaixasse a cabeça, que se fingisse que não viu, a presença silenciosa se impunha. Lá estava o primeiro, num canto da carruagem, com toda uma vida contida em dois sacos plásticos esfarrapados que ironicamente repetiam: Thank you. Thank you. Thank you.

Saí em Canal Street para uma conexão, não demorei a me cruzar com outro homem estirado num banco de três lugares coberto até à cabeça com um lençol. Um pedaço da sua perna escapava para o lado. Olhei, vi que de uma bota velha nascia uma canela magra e a pele escura estava à vista. Ele não tinha calças, estavam menos quinze graus lá fora.

Milhares de homens vagueiam com as almas congeladas pelas carruagens do metropolitano da cidade de Nova Iorque. Passam os dias e as noites numa vida subterrânea à procura de refúgio e à espera. Quem espera sempre alcança ou quem espera desespera? Em que adágio popular acreditariam?

Cheguei ao meu destino. Subi as escadas que davam acesso à rua, o frio inclemente fez-me querer voltar, porém bastou levantar os olhos para descobrir que Nova Iorque continuava a pulsar vibrante, inebriando com as suas luzes incautos turistas como eu. Era dia 31 de dezembro, dirigi-me para a Times Square mecanicamente para tentar participar na festa que celebra a chegada

de um novo ano, um renovar de esperanças mas a imagem dos homens abandonados havia-se colado ao meu pensamento. No meio da multidão histórica, pasmei.

Estranho mundo o nosso onde pessoas escolhem esperar de pé por doze horas, encarceradas em retângulos, sem poderem sair para usar o banheiro e vestindo toda a noite fraldas geriátricas num frio glacial apenas para ver uma bola cair numa praça, que nem praça é, por quinze segundos. Talvez a visão homens em contraste com a celebração desproporcionada – um milhão de pessoas acudiram às ruas naquela noite – me tivesse dado a noção do quanto havíamos falhado enquanto sociedade. Nova Iorque é quiçá o lugar mais rico do planeta e o número de pessoas em condição de sem-abrigo era o maior desde a Grande Depressão, em 1930.

Infelizmente, o fenómeno não é um exclusivo dos americanos. Em 1950, 70% da população mundial vivia em áreas rurais, atualmente cerca de 55% vive nos centros urbanos e, à exceção da Finlândia, parece que todos os países do dito mundo desenvolvido, aqueles que fazem parte da lista da OCDE, estão a braços com o problema que não para de crescer.

Diversos são os fatores que empurram os cidadãos para as ruas mas os que mais se destacam são os altos valores das rendas e a forte pressão exercida pelos alugueres de curta duração que promovem a especulação imobiliária e a gentrificação nos bairros mais pitorescos das cidades. As famílias carenciadas são excluídas desse cenário onde nós, a classe média, regra geral branca, pretende gozar os privilégios de alugar um apartamento numa capital pagando metade do valor que pagaríamos num hotel ou comprar um apartamento de

luxo num bairro da moda onde antes vivia uma família com baixos rendimentos.

Então me lembrei da velhinha que de dia fica à porta da igreja, ao lado do meu restaurante em Lisboa, de como a sua história materializava um catálogo de adversidades, de como perdeu o seu apartamento em Alfama por o prédio ter sido vendido para ser renovado e transformado num hotel boutique; que toda a vida tinha trabalhado no campo sem contrato e quando veio viver para a cidade, possibilitando ao filho condições para estudar, foi trabalhar em casa de família e que agora recebia uma vergonhosa pensão de cento e cinquenta euros que a levava a ter de escolher entre comer ou comprar os seus medicamentos; ela desculpa o filho que hoje tem a sua vida, uma esposa e os seus próprios filhos também, muitas preocupações que o levaram a abandonar a mãe. E de como gosta que conversemos com ela quando vai para ali, para a porta da igreja pedir esmolas para conseguir sobreviver. Senti uma vergonha indescritível de nós todos.

É certo que a condição de sem-abrigo não se deve exclusivamente à massificação do turismo e à gentrificação das cidades, mas são fatores que sobressaem ao aproximarmo-nos do problema. Num mundo onde as relações laborais são cada vez mais precarizadas, onde o triunfo do neoliberalismo regula o planeamento urbano em detrimento dos moradores, a gentrificação e a especulação imobiliária são os derradeiros algozes dos cidadãos menos favorecidos.

Ainda assim, o processo que encheu Nova Iorque de vazios, e ameaça Lisboa, pode ser travado se tivermos coragem de exigir aos governos que façam o seu papel. Têm obrigação de criar condições para que as cidades se desenvolvam economicamente tal como devem cuidar das pessoas em situação de fragilidade ou sem-abrigo; criar centros de acolhimento; fomentar políticas de habitação pública; promover uma verdadeira reforma agrária desenvolvendo as áreas rurais e prevenindo a migração involuntária para as cidades e a desertificação do interior; regulamentar o turismo e o alojamento local.

Pareço-vos demasiado idealista? Talvez. Mas Nova Iorque, Lisboa ou qualquer outra cidade não é apenas as suas ruas, casas, prédios, praças, monumentos históricos ou lugares que podem ser visitados. As cidades são as pessoas que nela vivem. Sem pessoas não há cidade. Elas morrem, passam a habitar um estranho limbo onde continuam a existir geográfica e fisicamente mas inexistem enquanto lugar vivente, são fantasmas. As pessoas transformam as cidades em comunidades e se queremos continuar a viver nelas, temos de ser veementes. Caso contrário, arriscamo-nos a converter a nossa cidade em um enorme *shithole* de onde só podem emergir seres ignóbeis cuja única preocupação são as suas imperativas conveniências.

O direito à habitação é um direito humano básico. No entanto, sem falta de vontade política para enfrentar a pobreza e as questões relacionadas, homens, mulheres e crianças sem-abrigo arriscam-se a continuar como um traço quotidiano da vida urbana moderna que aceitamos com naturalidade.



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

Andreia Brites





Quando entramos num novo ano propomos aos leitores procurar ideias sobre o mundo no álbum infantil. Trocamos o balanço do ano literário e as novidades da época por uma questão de mundividência: que mundo damos a ler às crianças, logo nos títulos dos álbuns? A pensar no presente e no futuro. o mundo é...

Não é precisa uma longa elaboração científica para rapidamente encontrarmos dois títulos a partir dos quais refletir e pesquisar. *O Príncipezinho* e *Viagem ao Centro da Terra* configuram dois eixos basilares para uma ideia de mundo. Complementam-se do ponto de vista da dinâmica: uma centrífuga, ou centrípeta. Que é como dizer que uma se expande para fora e outra para dentro. O mundo é forma e matéria, é desconhecido e reconfortante, é infinito e ínfimo. Também o sentimos frio e quente, inerte e emotivo, previsível e inusitado. Cruel e generoso, reflexo de nós próprios e estranho.

A filosofia que tanto se tem extrapolado a partir da obra de Saint-Exupéry cruza-se com a ciência e a ficção científica de Júlio Verne nesta descoberta de limites e conquistas espaciais, tecnológicas e comportamentais. O mundo também somos nós mas existe para além da nossa morada, seja ela um pequeno planeta ou um apartamento algures numa cidade. Nesse sentido, todos os livros terão um bocadinho de mundo. Mas de entre eles, em quais se destaca o mundo enquanto ideia?

O mundo como medida

Alguns títulos têm em comum não só a inclusão da palavra mundo como o sentido que ela assume.

A Maior Flor do Mundo, *O meu gato é o mais tolo do mundo* ou *A maior casa do mundo* usam esta relação superlativa como ênfase narrativo. A afirmação revela-se hiperbólica e o leitor responde a essa tese através da leitura. Qual é então o sentido de mundo aqui? Um sentido absoluto, um sentido de totalidade que engloba tudo e todos, o que conhecemos e desconhecemos,

a mais qualquer
coisa do mundo
é algo extraordi-

nário que suscita curiosidade e muitas vezes empatia

uma quantidade que ultrapassa o que podemos imaginar. Esse é este sentido do mundo: um lugar, um enquadramento, um espaço cujas dimensões são muito, muito grandes. Qualquer coisa que seja a mais qualquer coisa do mundo é algo extraordinário que suscita curiosidade e muitas vezes empatia.

No conto de José Saramago, por exemplo, o narrador acompanha o crescimento desmedido da flor, chegando a compará-la a um carvalho. Algo de fantástico aconteceu de facto, algo de inexplicável e mágico que recompensa o esforço desmedido do menino. A qualificação da flor como a maior do mundo reforça a condição de herói do protagonista e está de acordo com outras imagens e hipérboles que Saramago escolheu para alimentarem a aventura inesperada da criança: a referência ao planeta Marte para significar o espaço desconhecido por onde o menino decide aventurar-se, o rio Nilo, pela sua dimensão e distância, acontecendo o mesmo com as cem mil viagens à lua, quando transporta nas mãos a água do rio. O mundo é um lugar imenso, mas o mundo também é um limite que pode ser ultrapassado, como todos os limites. Esta flor que é a maior do mundo, será a maior do universo?

Já em *O meu gato é o mais tolo do mundo* (Gilles Bachelet, Caminho) o mundo não tem qualquer relação com a narrativa, já que a expressão serve o intento de assinalar o engano de perspectiva do dono em relação ao seu animal de estimação, como está patente na ilustração da capa. O mais tolo do mundo não é um gato e sim um elefante e por isso mesmo não se espera que o animal se comporte como um gato. Nesse sentido, e assumindo o erro de perceção do dono, as suas ações seriam tão mirabolantes que se poderia assumir, de forma erradamente generalizável, que o seu gato fazia coisas que nenhum outro faria.



É pena, ele parece gostar muito de animais.

o meu gato é o mais tolo do mundo, Caminho



A maior casa do mundo, kalandraka

Um terceiro exemplo, *A maior casa do mundo* (Leo Lionni, Kalandraka), tem um pendor moral e a palavra mundo cerca-se de uma dicotomia entre o que podemos mostrar ao mundo e aquilo que o mundo nos mostra a nós. O caracol que consegue ampliar a sua casa a ponto de a tornar um monumento estético apreciável por outras espécies como as borboletas e as rãs acaba refém da sua megalomania, perecendo sob o peso amovível da sua casa. A ausência de mobilidade custa-lhe o alimento e logo, a vida, e ensina outro pequeno caracol a disfrutar do que vê quando se desloca em busca de novas folhas de couve para comer. A casa do caracol morto teria sido a maior casa do mundo de um caracol, pensada à imagem do seu criador. Neste sentido, o mundo depende daquilo que cada um conhece e vê, da sua dimensão mas também do que quer conhecer e da consciência do seu lugar em algo maior, parcialmente reconhecido e imensamente desconhecido.

O mundo é...

Como é o mundo quando se nasce? A sua ordem é estável ou pode ser alterada, até invertida? E o tempo do mundo, como acontece e se sucede? Esse mistério aparentemente controlado por relógios obedece a ritmos e ciclos que desde logo se impõem aos nascituros como forma de sobreviverem e se adaptarem ao meio onde nascem. No entanto, a maioria dos livros que se debruçam sobre a ordem cíclica da vida fazem-no de forma fechada centrando-se apenas sobre um dos seus elementos. O ciclo da água, a vida da borboleta, o crescimento do bebé que se transforma em criança retiram, regra geral, essa dimensão de algo muito maior e múltiplo que acontece ao

A janela do comboio permite ver o mundo a pas-

sar quando quem passa somos nós.

mesmo tempo e em muitos outros tempos. É o mundo, em todas as suas manifestações, a movimentar-se. Como paradigmas excepcionais estão editados em Portugal dois álbuns que refletem sobre esse mundo maior. *Vir ao mundo* (Emma Giuliani, Edicare) é uma criação poética que começa assim: «Vir ao mundo num vasto universo.» Nascer, receber, dar, assistir, participar, sofrer, celebrar, resistir. São palavras de ordem, algumas presentes no texto do livro, outras não, que resumem a resiliência da flor vertida numa criação estética. Enquanto livro *pop up*, *Vir ao Mundo* concretiza as descobertas desabrochando a flor. Neste mundo não é a voz humana quem lhe dá perspectiva e sim a narração sem narrador evidente. Seja como for, as pessoas são meros figurantes que as flores acompanham e observam nas suas rotinas, forças e fraquezas. Este é o mundo que existe no universo tanto quanto é aquele onde o ínfimo tem o seu lugar, a sua inalienável importância e sensibilidade. O mundo é o lugar onde todos nascem e o mesmo onde todos morrem. E onde uns nascem ao mesmo tempo que outros morrem. *O mundo num segundo* (Isabel Minhós Martins, Bernardo Carvalho, Planeta Tangerina) propõe ao leitor essa experiência de simultaneidade: o que pode estar a acontecer exatamente no mesmo segundo em geografias tão díspares como um elevador em Nova Iorque ou um vulcão numa ilha asiática? O exercício é potencialmente infinito e, tendo em conta a ínfima duração de um segundo, aponta para a suspensão. Cada momento representado - a fruta que cai da árvore, a criança que se tenta equilibrar na bicicleta, o ladrão que entra em casa ou a bola que está no ar, voando em direção ao vidro de uma janela - todos estes quadros estáticos dão sobre o mundo muito mais do que uma noção de simultaneidade. A artificialidade da suspensão é experienciada pelo leitor que já sabe que algo vai acontecer. A frustração, todavia, pode estar em não saber o quê. A apropriação do tempo e a consciência da sua inexorabilidade são questões complexas para a subjetividade de cada um e para a sua própria

Vir ao mundo, edicare



E apesar da fragilidade,

... Os cães (apenas os cães)

sentem um ligeiro tremor de terra
numa cidade da Venezuela.



Mundo redondo

O mundo é redondo
e rebola no céu,
onde há outros mundos
diferentes do meu.





O homem da Lua, Bags of Books



O mundo ao contrário, Planeta Tangerina

insignificância no mundo. Então, como é ele afinal? É redondo. No livro de poemas *Galo Gordo, o mundo é redondo* (Inês Pupo, Gonçalo Pratas, Porto Editora) a estrutura temática dos poemas parte da viagem que representa movimento e mudança. A janela do comboio permite ver o mundo a passar quando quem passa somos nós. Nos poemas seguintes há os outros que nos fazem felizes, aprendizagens, juízos afetivos, narrativas imaginárias, lugares protetores. O que pode construir os alicerces do mundo do leitor e que com ele se relaciona naturalmente, em proximidade. Porém, se o início do livro é uma viagem então o final fecha o ciclo ampliando essa viagem para fora do planeta Terra. Do mundo chegámos aos mundos.

O mundo visto de fora e de dentro

Recuperemos então *O Principezinho* e *Viagem ao Centro da Terra*. Se há mundos e não mundo, se há tempo, dimensão, viagem, repetição e descoberta, se há viagem real e imaginária, como se vê o mundo a partir de outro? *O Homem da Lua* (Tomi Ungerer, Bags of Books) responde: ao longe o mundo parece ser um lugar apetecível, com música, luz, dança, cor, alegria. Infelizmente o que se vê à distância não costuma corresponder à totalidade do quadro. E o medo transforma as pessoas em carcereiros e autocratas e que sem pejo roubam a curiosidade, a liberdade e a alegria aos outros. Por isso o mundo é um lugar de paradoxos e antinomias: há beleza e fealdade, há liberdade e prisão, há aventura e medo. Também por isso há quem escolha imaginá-lo ao contrário, invertendo lógicas e ordens que reconhecemos como naturais ou tradicionais. Em *O Mundo ao Contrário* (Planeta Tange-

o mundo é um lugar de paradoxos e antinomias: há

beleza e fealdade, há liberdade e prisão, há aven- tura e medo.

rina) Atak experimenta novos quadros que provocam estranheza e humor e põem em causa ordens naturais, científicas e culturais... O álbum toca em vários planos, da natureza à cultura e da cultura aos heróis de ficção. Altera igualmente as características de poder. Há um cavalo que monta o cavaleiro, um esqueleto humano num museu visitado por dinossauros e um bebé que alimenta uma mulher. A fonte da eterna juventude envelhece agora quem alegremente nela se banha. Sabemos o suficiente sobre o mundo para aceitarmos o desafio problematizador: e se não fosse assim mas de outra maneira, como seria? O mundo ao contrário não representa um novo mundo e sim várias hipóteses de outros mundos, entre as quais algumas que questionam valores e outras apenas alternativas. Afinal o mundo imaginário também se erige no mundo que conhecemos e é preciso alimentar essa curiosidade.

and the winner is...

Catarina Sobral...



e João ⁶⁷ Vaz de

Carvalho



As ilustrações de Catarina Sobral em **O Meu Avô** (Orfeu Negro) e as de João Vaz de Carvalho em **O homem da mala** (texto de Adélia Carvalho, La Fragatina) venceram a 1a. Competição internacional de álbuns de Little Hakka, realizada em Shenzhen, na China. Na categoria Best of the Best para ilustradores profissionais partilham a distinção com dois autores chineses, uma inglesa e outra italiana. Com esta competição pretende-se, para além de valorizar a ilustração, divulgar a edição internacional no mercado editorial chinês.

espelho meu

ANDREIA BRITES

A FAMÍLIA DA RUA SEM SAÍDA Eve Garnett Fábula



O valor imensurável da felicidade

É o primeiro título da coleção Estrelas da Literatura Juvenil que a Fábula, nova chancela do grupo editorial 2020, dá à estampa. Um clássico apenas editado em 1966 na Biblioteca dos Rapazes da editora Portugália, de uma autora britânica nascida com o século XX que, segundo informa a badana, se impressionava e inspirava na irónica felicidade das crianças dos bairros mais pobres de Londres nas primeiras décadas do século passado, que conviviam quotidianamente com a miséria provocada por crises económicas, pela exploração industrial e pela 1.ª Guerra Mundial.

A narrativa não se furta a esse quadro, mas aligeira-o com um contexto mais rural, que fica à distância de uma dispendiosa viagem de comboio até Londres, com a qual culmina, em glória. Igualmente, a discriminação social que o pai sofre pela sua condição de lixeiro é abordada de uma perspetiva irónica, não fosse ele casado com uma lavadeira e engomadora profissional, sempre briosa da excelência dos seus serviços de limpeza, que realiza a partir de casa. A associação destas duas profissões que se dedicam a algo antagónico como o mais sujo e o mais limpo resultam na anulação do preconceito a partir de dentro: ambos se orgulham de limpar, ambos se dedicam com alegria à sua profissão e as descrições apresentadas retiram toda e qualquer carga de vitimização. Ao contrário, a simplicidade e naturalidade desta família na sua relação com o mundo, os seus sonhos e aventuras, transformam-na num paradigma de felicidade e liberdade invejáveis.

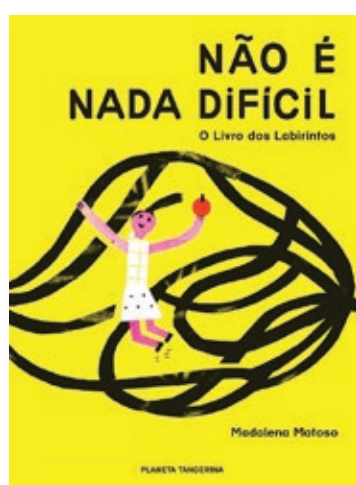
A FAMÍLIA DA RUA SEM SAÍDA

Imagine-se Tom Sawyer vezes cinco irmãos, uns mais, outros menos afoitos. Imaginem-se roupas de clientes estragadas, chapéus de farda da escola perdidos, viagens clandestinas de barco ou uma festa de aniversário em casa de um menino rico. Aflições dos pais, crianças perdidas, engenho, recompensas, vaidades, concursos e um burburinho de fundo que quase se ouve quando o leitor se embrenha no n.º 1 da Rua Sem Saída.

A estrutura que Eve Garnett concebe serve precisamente este fim, na medida em que, capítulo após capítulo, mais não faz senão apresentar cada um dos membros da família, numerosa por sinal. Todavia, a fluidez narrativa leva o leitor a tomar contacto com episódios empolgantes, cómicos, morais que por si só descrevem cada um de forma exemplar. É também através destes momentos que ganham vida as relações entre irmãos e entre pais e filhos. Se a novela começa explicando quem é quem, aproveita o narrador a ocasião para explorar cada batismo e as dúvidas e iminentes conflitos conjugais. Os capítulos finais encerram com o prémio maior que a família podia desejar: a viagem a Londres onde encontrariam mais família num concurso de carroças. A descrição do dia merece várias fases e aqui volta pois a família a estar toda junta, sob a mesma lente, a que fecha a intenção moral da história: os valores e a felicidade daqueles cuja vida parecia não ter nada de bom para contar.

NÃO É NADA DIFÍCIL

Madalena Matoso
Planeta Tangerina



A solução vem por etapas

Madalena Matoso aproveita a expressão «é mais difícil de encontrar do que uma agulha num palheiro» e daqui parte para um longo e acidentado percurso até à dita agulha. Desconstrói o sentido idiomático da expressão logo na premissa que apresenta no título: não é nada difícil. Depois? Depois cabe ao leitor encontrar a saída em cada labirinto que lhe permite, como numa caça ao tesouro por etapas, entrar no próximo e assim sucessivamente. Certo é que no final o leitor fica na posse de uma preciosa ferramenta que poderá mesmo ajudar a encontrar a tal agulha. No final do primeiro labirinto espera-nos uma lupa, que devemos encontrar depois de várias tentativas por caminhos brancos, retos ou curvos, alguns rapidamente bloqueados e ou-

tros não, envoltos pela escuridão. Para que nos serve a lupa? Para descobrir uma pulga no desafio seguinte. Agora as linhas brancas são vazios nas colagens que compõem o lombo de um elefante e a lupa imaginária estará nos nossos dedos, ou no nosso lápis. Nesse lugar imaginário onde a autora resolveu arrumar as instruções, há associações de dimensão como entre a pulga e o elefante, de movimento ou de função e que representam, em termos retóricos, metonímias ou sinédoques em que se joga, por exemplo, com as partes e o todo. Mas quando o leitor entra nesta lógica, eis que as voltas logo lhe são trocadas. O simbólico entra em campo com o referente literário (*A Princesa e a Ervilha*) ou com o valor da amizade. E rapidamente regressa à materialidade do espaço. Perdido no desafio, o leitor pode não se deter o tempo suficiente em cada instrução mas é imediata a perceção da existência de um encadeamento. O mesmo não acontece graficamente ao longo dos caminhos brancos que devem ser percorridos e cujas



NÃO É NADA DIFÍCIL

fronteiras nem sempre se reconhecem sem esforço. O amarelo, o rosa e o preto podem ou não colaborar com o leitor, e o grau de dificuldade de cada labirinto depende muito mais da ilustração do que do caminho percorrido ou do que ainda falta percorrer. Não há gradação.

A ilustração mantém o cunho das linhas e formas geométricas que encontramos noutros trabalhos da autora e a sua impressão remonta para o efeito dos carimbos o que em nada facilita os percursos. Apesar dessa geometria há muitas formas imperfeitas que provocam ruído, como acontece por exemplo no labirinto do restaurante, quando devemos encontrar o cozinheiro para lhe pedirmos um garfo, ou no do prato de esparguete, ou ainda quando devemos encontrar a princesa. Os labirintos vivem em cada quadro, na representação da instrução, seja ele o de uma pista de carrinhos, de uma corda a girar ou do mar do norte pejado de peixes em viagem.

É um livro de labirintos mas não se resume a uma sucessão de imagens. Tudo é detalhadamente pensado, do código linguístico ao humor, do grafismo à sua relação com a intenção temática. Por fim uma nota para assegurar que não é fácil a qualquer leitor resistir à tentação de experimentar, seja ele miúdo ou graúdo.

Sobrevidas da personagem—

Jesus e Caim no trabalho de Sara— saramaguiana magalo

Miriam Ringel

A questão central da minha palestra é a seguinte: Por que é que Saramago decidiu ressuscitar Jesus e Caim da «sepultura»? Afinal, já tinha sido feito antes, em muitas obras de ficção. E antes destas, até a Igreja já tinha feito isso. Jesus ressuscitou do túmulo depois de três dias e Caim também, nas escrituras cristãs.

O que é que um escritor como Saramago faz? De que lhe serve, como escritor, como português, como ser humano, como ateu, ou então, como disse sobre si mesmo, como comunista (comunista hormonal, como declarou mais de uma vez), como cidadão, como humanista, moralista e existencialista? Recordemos, primeiro, que a maior parte do trabalho de Saramago se baseia numa realidade concreta, em figuras e eventos da história do mundo e especialmente da História de Portugal: D. João V, no *Memorial do Convento*, Fernando Pessoa e o seu heterónimo Ricardo Reis em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a *História do Cerco de Lisboa* e muitos mais exemplos.

Quando pensei pela primeira vez sobre a questão da vida após a morte das personagens de Saramago, os heróis em que eu podia pensar eram Jesus e Caim, duas personagens icónicas na literatura, na arte, na religião, na cultura ocidental.

Por que Saramago escolheu as figuras de Jesus e Caim se eles eram únicos para outros personagens em seu trabalho? Jesus e Caim, como outros heróis saramaguianos, represen-

tam os rebeldes da metafísica que procuram a liberdade! (Na concepção de Albert Camus de *O homem revoltado*) Aqueles que sabem dizer "não" a um mundo que tenta impor as suas leis draconianas sobre eles. Tais são também a mulher do médico em *Ensaio Sobre a Cegueira*, Blimunda no *Memorial do Convento*; Raimundo Silva na *História do Cerco de Lisboa*, José em *Todos os Nomes* e outros.

Então, como traz Saramago de volta à vida Jesus e Caim? A intertextualidade e a «fusão de horizontes» que Gadamer criou são necessárias para que os leitores entendam o significado profundo desses dois heróis no trabalho de Saramago. Precisamos de estar familiarizados com o *Antigo* e o *Novo Testamento*. Saramago, como autodidacta por excelência, estava bem familiarizado com a *Bíblia*, bem como o hebreu *Talmud* e *Midrash*.

Em 2009, encontrei Saramago, na sua casa de Lisboa, e ele disse-me que ia publicar um novo livro que irritaria não só os cristãos, como foi com o *Evangelho*, mas também os judeus: "Será um livro escandaloso", disse ele. Na verdade, é...

Começo pela figura de Caim, embora tenha sido o último livro que Saramago escreveu.

De acordo com a *Bíblia*, Caim foi o primeiro assassino da história, cometendo um pecado não só contra Deus, mas contra outro ser humano, porque não se sentiu amado. Embora a *Bíblia* não dê razão para Deus ter escolhido o sacrifício de Abel em vez do de Caim, este usa a violência. Como castigo,



ele é condenado a «lavar a terra» infrutiferamente e a ser «um vagabundo inquieto». Sua marca não é uma maldição, mas um sinal protector do cuidado duradouro de Deus.

Na verdade, somos todos descendentes de Caim e, em suas perambulações, tem sua vida depois da morte na figura do judeu errante.

Na narrativa de Saramago, Deus, apesar de todo o poder que possui, encontra-se num estado igual ao das outras personagens. Na verdade, Saramago dá também a Deus uma vida após a morte.

Vejamos essa passagem em Caim:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evite-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso,

é possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, E esse sangue reclama vingança, insistiu deus, Se é assim, vingar-te às – ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explica-te, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fala, É simples, matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto (Caim, pp 37-38).

No romance de Saramago, Caim pertence àqueles que estão destinados a vaguear e podem fazê-lo em momentos diferentes, não cronologicamente. Ele pode aparecer no futuro, no Sacrifício de Isaac, na Torre de Babel, em Sodoma e Gomorra, e também pode voltar atrás no tempo. O presente de Caim é um presente contínuo no qual ele estabelece seu ser como rebelde, como se a moralidade do bem e do mal não lhe interessasse. O que Saramago quer dizer neste contexto? Se virmos Saramago como moralista, que tipo de ética ele ensina a partir da imagem de Caim, que não só matou seu irmão Abel, mas também continua a matar outros



humanos? Caim dirá a Deus que se ele fosse Deus, diria diariamente: «Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra».

Saramago muda aqui um versículo do *Novo Testamento*, que se refere ao «Reino dos céus» e não ao «reino da terra»: Daí em diante Jesus começou a pregar: «Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo» (*Mateus 4:17*). Aqueles que acreditam que irão humilhar-se como pequenos filhos receberão o Reino dos céus. Em outras palavras, o reino da terra pertence àqueles que escolhem a rebelião ou àqueles que não se submetem ao decreto do destino ou ao comando de Deus. Mas que reino o esperava? O pessimista Saramago fecha o terceiro capítulo do seu livro com uma frase: «Não se augure nada bom da vida futura deste homem» (*Caim*, p. 40). Este homem é Caim, mas ***Caim representa a humanidade inteira neste livro.***

Há certamente uma atitude ambivalente de Saramago em relação a Caim: por um lado, simpatiza com ele, anda com ele pelos caminhos e apresenta-o em pontos históricos interessantes e fatídicos que aparecem na *Bíblia*. Por outro lado, no final, não será Deus, que Saramago culpa por não impedir que Caim matasse seu irmão Abel, que destruirá a humanidade, mas será Caim, filho de Adão e Eva, carne e sangue e não Deus, ou meio deus que matará pessoas.

No final do romance, quando Noé e sua família deveriam sair da arca, diz-se:

No dia seguinte a barca tocou terra. Então ouviu-se a voz de deus, Noé, noé sai da arca com a tua mulher e os teus filhos e as mulheres dos teus filhos...deus chamou, Noé, noé, por que não saís. Vindo do escuro interior da arca, caim apareceu no limiar da grande porta, Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim, Mortos, como, mortos, porque, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste Abel, perguntou o senhor, **Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face,** Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de Sodoma. Houve um grande silêncio. Depois caim disse, Agora Já podes matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de **tu primeiro me haveres devorado o espírito.** A resposta de deus não chegou a ser ouvida, também a fala seguinte de caim se perdeu, o mais natural é que tenham argumentado um contra o outro uma vez e muitas, a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda. **A história acabou, não haverá nada mais que contar.** (Caim, pp. 180-181)

O *Novo Testamento* julga severamente Caim: «Não sejamos como Caim, que era mau e matou seu irmão. E por que o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão eram justas» (João I, 3:12).

Então, como inverteu tudo Saramago?

Saramago pensou no livro há muitos anos, mas começou a escrevê-lo em Dezembro de 2008, terminando o texto em quatro meses: «Eu estava numa espécie de êxtase. Nunca experimentei tal coisa, pelo menos a intensidade com essa força».

José Saramago não considera este romance um particular e definitivo ajuste de contas com Deus, porque "as contas com Deus não são definitivas, mas com os homens que a inventaram", disse ele. "Deus, o diabo, o bom, o mal, tudo está na nossa cabeça, não no céu ou no inferno, que também inventamos. Não percebemos que, tendo inventado Deus, imediatamente nos escravizámos a ele."

O *Evangelho Segundo Jesus Cristo* causou uma grande controvérsia em Portugal e foi vetado pelo governo no momento de participar no concurso ao Prémio Europeu de Literatura, uma iniciativa que pesou na decisão do escritor de se mudar para a ilha de Lanzarote, em Espanha, afastando-se do espetáculo quotidiano de um governo concreto, que havia manipulado decisões de organismos culturais sem nenhum pudor democrático. Transigir teria sido dar por válida a censura, disse e repetiu José Saramago.

O «Novo Evangelho» de Saramago trará a história de Jesus de volta ao plano humano real e tirá-lo-á do fantástico



domínio da fé cristã. Jesus é o filho de Maria, um dos muitos filhos e filhas que ela teve de José, o carpinteiro: «embora só um deles, por imperativos do destino ou de quem o governa, tenha vindo a prosperar, em vida mediocrementemente, mas maiormente depois da morte.» (*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, p.6). No centro desta novela, Jesus tornar-se vítima é o tema central, possibilitando ao escritor entrar em choque com Deus.

Para os cristãos e para Hegel, a «morte de Deus» está associada à crucificação de Jesus. A morte de Deus não era, nem deveria ter sido o fim da história. Os cristãos acreditavam que Deus morreu para que o homem o redimisse e, portanto, a sua morte não é interpretada como a remoção do elemento divino eterno. Deste ponto de vista, a crucificação de Jesus não é uma ocorrência contingente do passado, mas uma tarefa constante da vida.

Saramago inverte essa teoria cristã, o que é interessante num livro com o título *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, no qual Jesus é descrito como carne e sangue, como alguém que não quer participar do plano de Deus para fazer dele seu filho e sacrificá-lo pela expansão da população fiel de Deus. A crucificação de Jesus descrita na gravura de Durer e ao longo do primeiro capítulo do romance é uma acção contingente. Como a escolha aleatória de Deus que acabou por recair sobre Maria de Nazaré para conceber, e em seu filho para se tornar seu mensageiro na Terra.

Saramago é um moralista. A questão fundamental que cons-

titui o seu mundo é o grau de compatibilidade entre a justiça e a realidade no mundo. Deus deve representar justiça e harmonia, mas o mundo está cheio de maldade cometida por seres humanos. Nos termos de Camus, Jesus é um rebelde metafísico, rebelando-se contra um mundo de maldade:

*"...há uma revolta metafísica no início do cristianismo, mas a ressurreição de Cristo, o anúncio da parúsia e o reino de Deus interpretado como uma promessa de vida eterna são as respostas que a tornam inútil" (Camus, O Homem Revoltado, p. 26).*¹

Quando Jesus rompe o tabu de se associar com Satanás e a prostituta, ele aprende as lições mais positivas sobre a vida. Apresenta os perigos dos códigos morais baseados na tradição e na autoridade, em vez de necessidades pragmáticas no mundo real. A união com Maria Madalena simboliza o gosto de Jesus pelo paraíso na terra, e o *Cântico dos Cânticos* é o idioma em que falam. A figura do pastor – o diabo, é contrária à concepção judaica e cristã da palavra «pastor», e Jesus é advertido para não se relacionar com ele, mas este pastor ensina-lhe que existem alternativas ao modo de vida escolhido.

Um dos destaques deste romance é a cena do barco, onde Jesus está quarenta dias com Deus e Satanás no mar da Galileia. Durante a conversa, como em todo o livro, Jesus é representado como um símbolo da humanidade, enquanto Deus é retratado como manipulando seres humanos.

Para Nietzsche, «**a morte de Deus**» não é mais uma questão

1. Camus, *O Homem Revoltado* (1951), 2011, Editora Record, Rio de Janeiro, São Paulo



religiosa, mas uma questão existencial fundamental, a declaração flagrante da centralidade da imanência. Agora, com a morte de Deus, o homem pode moldar a sua vida e realizar a sua liberdade. Mas os heróis de Saramago nem sempre conseguem este último desígnio. Jesus gostaria de ser livre e prefere ser o filho de Joseph, como Saramago escreveu:

*Não estejas com rodeios, diz-me que morte será a minha, Dolorosa, infame, na cruz, **Como meu pai**, Teu pai sou eu, não te esqueças, Se ainda posso escolher um pai, escolho-o a ele, mesmo tendo sido ele, como foi, infame uma hora da sua vida, Foste escolhido, não podes escolher, **Rompo o contrato**, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer... (O Evangelho Segundo Jesus Cristo, p. 418).*

Quando Jesus pergunta qual será o preço da morte para aqueles que acreditam em guerras para serem combatidas em seu nome, Deus responde:

...Disse Jesus, Estou à espera, De quê, perguntou Deus, como se estivesse distraído, De que me digas quanto de morte e de sofrimento vai custar a tua vitória sobre os outros deuses, com quanto de sofrimento e de morte se pagarão as lutas que, em teu nome e no meu, os homens que em nós vão crer travarão uns contra os outros, Insistes em querer sabê-lo, Insisto, Pois bem, edificar-se-á a assembleia de que te falei, mas os caboucos dela, para ficarem bem firmes, haverão de ser cavados na carne, e os seus alicerces compostos de um cimento de renúncias, lágrimas, dores, torturas, de todas as mortes imagináveis hoje e outras que só no futuro serão conhecidas, Finalmente, estás a ser cla-

ro e directo, continua, Para começar por quem tu conheces e amas, o pescador Simão, a quem chamarás Pedro... (ibid, pp. 429-430).

E aqui vem uma lista de todos os mártires da história humana. Jesus e Caim são descritos como não dispostos a associar-se a Deus ou a matar Deus e, portanto, a cumprir o seu ser livre. Jesus e Caim são, como mencionado anteriormente, rebeldes metafísicos. Mas a diferença entre eles é grande. Se Jesus é descrito como um homem honesto, Caim é apresentado como a encarnação do mal. A questão é: Se quiseses matar Deus porque afirmas que o mal e a maldade no mundo foram criados e feitos por Ele, como justificas isso por meio de acções malignas feitas pelos seres humanos?

A «Reparação do mundo» (Tikkun Olam em hebraico) por humanos não é apresentada como uma opção no romance *Caim* nem nos outros livros de Saramago. E no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, há um tom pessimista do desespero da capacidade de mudar o mundo se Deus continuar a controlá-lo e a fazer nos seres humanos como quer. E esta é a contradição que encontro na visão de mundo de Saramago. Caim anseia por Deus, e ficou com raiva de não ter feito a sua oblação. A vontade de assassinar a Deus expressa, assim, o seu apego a Deus.

Voltando à vida, Jesus e Caim servem a Saramago para expressar o **seu credo** e ele faz isso com grande ironia, como é seu hábito. Critica a Igreja e a humanidade que precisa deste Deus e a inventou porque tem medo, ou para receber grande poder sobre os outros.

Saramago criticou a Igreja que tomou a história de um judeu humilde, que era humanista, pacifista e não tinha ambição de manipular as pessoas. E a religião, na visão de Saramago, é a origem do mal no nosso mundo.

Para concluir, digo que dar uma vida futura a Jesus e Caim no trabalho de Saramago nos faz, seus leitores, reflectir sobre questões morais e humanas, como o bem e o mal, a liberdade, a fé, a ingenuidade diante da exploração, da vida e a morte, o preço da crença de Deus nos seres humanos e o desejo de Saramago de apresentar uma atitude irónica e desafiadora para com os fiéis e os seguidores da fé em todas as religiões. Esta é uma crítica social pungente que atravessa o trabalho deste Prémio Nobel de Literatura 1998, e concluirei dizendo que é o próprio Saramago, Jesus e Caim, nos seus romances, que são rebeldes metafísicos e como Albert Camus escreveu: «A história da revolta metafísica não pode, portanto, ser confundida com a do ateísmo. Sob uma certa ótica, ela chega a conlindir-se até com a história contemporânea do sentimento religiosos. O revoltado desafia mais do que nega. Pelo menos no início, ele não elimina Deus: simplesmente, fala-lhe de igual para igual. Mas não se trata de um diálogo cortês. Trata-se de uma polémica animada pelo desejo de vencer» (Camus, *O Homem Revoltado*, p. 31).

Texto lido em Coimbra, no 5.º Colóquio Internacional Figuras da Ficção, sob a temática «Dinâmicas da Personagem», Novembro 2017.

Miriam Ringel é pesquisadora, Ph.D pela Universidade Bar-Ilan, em Israel.
É autora dos livros *Viagem na Senda das Vozes - A Obra e a Vida de José Saramago* e *Moral Imagination in José Saramago's Work*.

Um euro.

Casa Fernando Pessoa Fundação José Saramago

Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



EGEAC

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



janeiro



ATÉ
10
FEV

Estereotipos

Exposição coletiva que reúne o trabalho de várias ilustradoras nascidas em países da América Latina sobre questões de gênero, sexualidade e direitos humanos. México DF, Vértigo Galeria. ➔

ATÉ
18
FEV

Cinema Macau. Passado e Presente

Ciclo de cinema que percorre o século XX entre os arquivos da Cinemateca Portuguesa e as realizações da nova geração de cineastas portugueses e chineses em Macau. Lisboa, Museu do Oriente. ➔

janeiro

ATÉ
25
FEV

Poesía Brossa

Um percurso pela obra de Joan Brossa através dos livros e das investigações plásticas, atravessando o teatro, a música e as artes performativas. Barcelona, MACBA.



ATÉ
06
MAI

Derain, Balthus, Giacometti. Una amistad entre artistas

Exposição que explora as relações de amizade entre André Derain (1880-1954), Balthus (Balthasar Klossowski) (1908-2001) e Alberto Giacometti (1901-1966). Madrid, Fundación MAPFRE.



ATÉ
01
JUL

Feito Poeira ao Vento

A partir da coleção do Museu de Arte do Rio, uma exposição que percorre a história da fotografia, as suas técnicas, estéticas e aplicações. Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio.

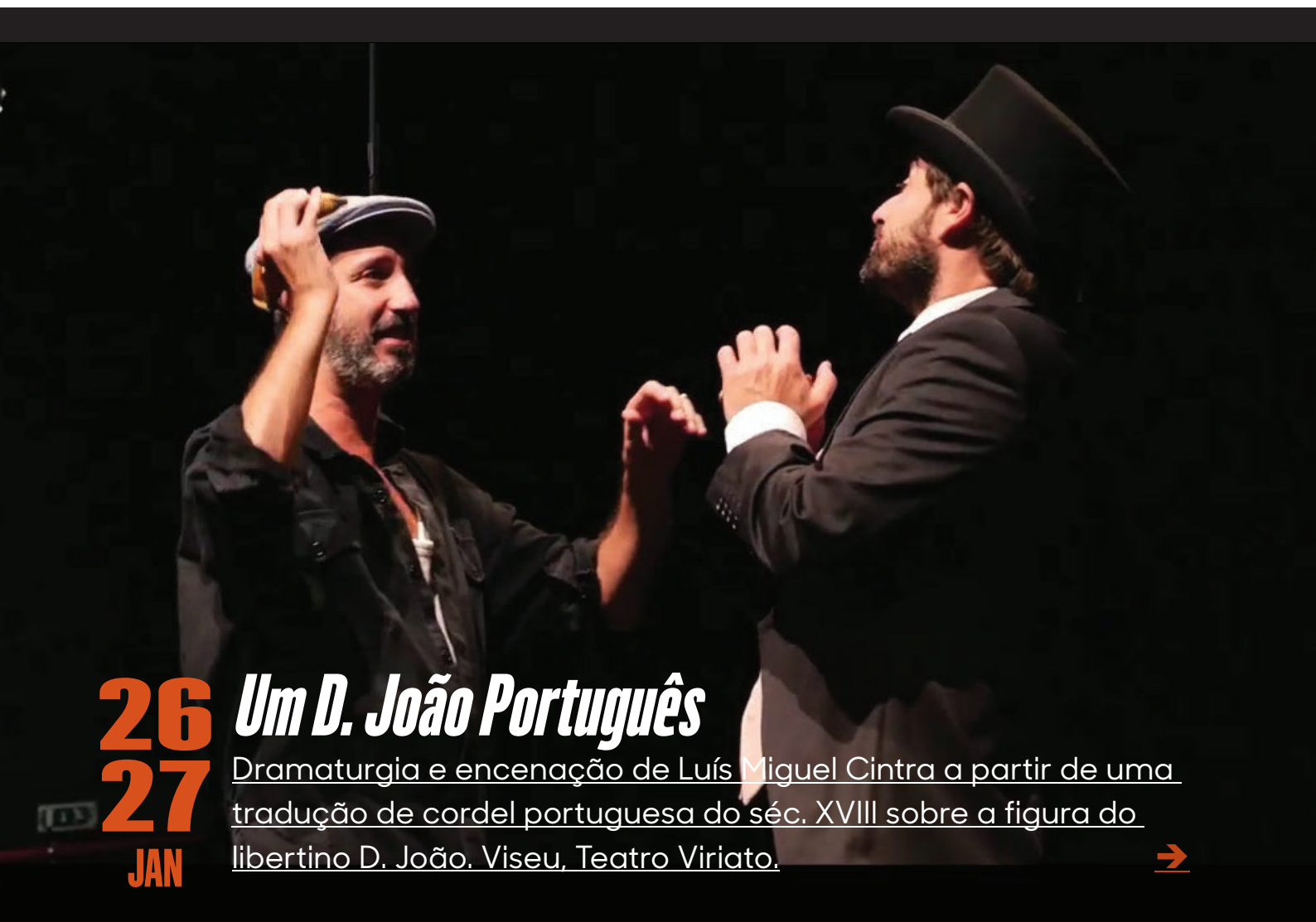


janeiro

25
A
27
JAN

Praia

Espetáculo de dança do Coletivo Qualquer e de Carolina Campos que reflete sobre contextos e categorias, do mundo das artes ao quotidiano. Lisboa, Rua das Gaivotas.



26
27
JAN

Um D. João Português

Dramaturgia e encenação de Luís Miguel Cintra a partir de uma tradução de cordel portuguesa do séc. XVIII sobre a figura do libertino D. João. Viseu, Teatro Viriato.



07
08
FEV

Píscore

Quatro músicos de formação clássica compõem uma mini-orquestra que cruza o humor, o teatro e a música num concerto com a participação da Banda Municipal de Música compostelana. Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza.



janeiro

29
JAN A
26
MAR

Personagens Femininas da Literatura Portuguesa

Curso de oito sessões dedicado a personagens centrais da literatura portuguesa, da Joanhinha de *Viagens na Minha Terra* à Blimunda de *Memorial do Convento*. Lisboa, Centro Nacional de Cultura.



16
FEV

Uma História Puxa a Outra

Thomas Bakk leva a Tondela a sua mala de histórias, com narrativas que nascem da tradição de cordel e outras que surgem das idas e vindas do contador pelo mundo. Tondela, Bar ACERT.



Sendo eu um português da Azinhaga, casado com uma andaluza de Sevilha e vivendo nas Canárias, senti-me um pouco da mesma raça ambulante, a raça daqueles que nasceram para andar com as raízes às costas e levam a vida à procura de um novo chão. Às vezes até parece, pelo tempo que permanecem no mesmo sítio, que já o encontraram, mas dentro deles, enquanto olham o outro lado da rua, as fachadas que vão perdendo a cor, os vizinhos que vão envelhecendo, há uma pequena voz que não se cala: ainda não é isto, ainda não é isto...

Cadernos de Lanzarote V

José Saramago